

MEMÓRIA, DIÁLOGO E A EDUCAÇÃO FREIRIANA

Luan Manoel Thomé

Cláudio-MG, 3 de dezembro de 2022

Estimado Paulo Freire,

Saudações ao grande educador brasileiro!

Primeiramente, tenho de me apresentar para que, assim, o diálogo que proponho nesta carta se efetive. Meu nome é Luan Manoel Thomé, sou oriundo do Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais. Tenho como formação o bacharelado em Humanidades, a licenciatura em Pedagogia e o mestrado em Educação, todos cursados na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). Como educador, estou sempre em processo de formação, por isso, ingressei no doutorado em Educação da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Como fruto da educação pública, passei pela educação básica, na condição de professor dos anos iniciais e de supervisor pedagógico; hoje leciono no curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade Acadêmica de Cláudio (UEMG Cláudio).

Nesta carta trarei algumas reflexões sobre pontos discutidos em um componente curricular do doutorado – que, por nenhuma coincidência, leva seu nome –, o que coaduna ainda mais para evidenciar a relevância do seu trabalho. Durante os encontros, sempre com o objetivo de lembrar o que foi trabalhado, cada discente teve de escrever, como exercício, uma memória sobre os pontos discutidos no dia. Essa ação é de grande valia, pois somos sujeitos históricos e imersos no tempo, e uma forma de contribuirmos para a história da educação, ou seja, de deixarmos um legado desses tempos formativos.

Pois bem, falar de memória é lembrar algo notável, portanto, aqui farei um movimento de trazer algumas marcas que ficaram da minha escolarização,

principalmente quando estava cursando o ensino fundamental e médio, tempos dos quais tenho saudades. Durante a minha trajetória, sempre estudei na rede pública de ensino e tenho o maior orgulho disso. Tive contato com educadores que tiravam “leite de pedra” e promoviam, mesmo em condições precárias, uma educação de qualidade, pois eram movidos pela curiosidade, dialogicidade e pelo amor ao ser humano.

Entretanto, como a educação é formada por seres humanos, recorrentemente ocorriam situações¹ que contribuía para o sujeito escolarizado fosse menos – o que você, em seus escritos, luta veemente para que esse tipo de situação não ocorra. Que situações são essas? Relações verticalizadas entre professor e aluno; gritos em sala de aula; controle do silêncio por meio da opressão daqueles que são os mais “fracos”; atitudes vexatórias perante a turma, com castigos, proibições, xingamentos; cumprimento de tarefas sem o verdadeiro amor à educação; tratamento hostil aos estudantes, principalmente aqueles oriundos das classes populares, o que vai na contramão do conceito de inclusão. E o que, ao meu ver, é uma marca de incoerência: desesperança diante da profissão docente – lembro-me de quando fui aprovado no vestibular e ouvia comentários assim: “mas você é tão inteligente, para que vai ser professor? Deve estar ficando louco por escolher essa profissão tão desvalorizada. Escola não é lugar pra gente que quer mudar o mundo”.

Palavras duras, meu caro Paulo. Por outro lado, sabemos que a prática docente está envolta por diversos condicionantes, uma vez que a leitura de mundo nos permite analisar as forças atuantes em cada contexto. Fazer um movimento de compreender o outro lado é importante – e, em seus escritos, isso fica evidente. No trecho acima, nota-se a presença de um educador bancário, cuja égide do trabalho pauta-se no autoritarismo, no domínio do outro – ao contrário do educador libertador, que tem como premissa o diálogo, a análise do contexto de forma problematizadora e a valorização do conteúdo escolar (Freire, 2019).

1 Vale destacar que tais práticas ocorrem também na rede privada de ensino.

Por que escolhi trazer esses detalhes no início da nossa conversa? A resposta é simples: para dialogar é preciso, primeiramente, fazer um movimento de sair da nossa zona de conforto e se permitir conhecer o espaço que é do outro. Claro que isso não é uma atitude fácil e nem simplória, requer do sujeito uma capacidade de reflexão e, em muitos casos, de alteridade.

Estimado Freire, conhecemos os seus feitos a partir de suas obras, dos relatos daqueles que viveram com você e das inúmeras pesquisas publicadas sobre seus trabalhos. Você é um educador reconhecido mundialmente – isso é motivo de orgulho para nós, brasileiros – e suas contribuições nos permitem agir sobre o mundo, com o objetivo de transformá-lo. Como seres comunicadores, necessitamos dialogar a todo instante, por isso, podemos definir esse processo como um fenômeno humano, que ocorre substancialmente por meio da palavra (Freire, 2019). Quando afirmamos isso, parece que é algo evidente, mas não é. Em seus escritos, você menciona dois tipos de palavras – a inautêntica e a autêntica. Temos de basear o nosso trabalho pedagógico nessa última.

Paulo, quantos brasileiros ainda estão vivenciando as mesmas situações que eu presenciei? Será que eu, como educador, pratico as ações que condenava em meus professores? O objetivo de trazer à tona essas memórias é para destacar o poder existente no diálogo. Tal processo se origina a partir da palavra autêntica – aquela que fomenta a ação e a reflexão, por conseguinte, a transformação do mundo. “A palavra autêntica mantém o diálogo entre a prática e a teoria, entre a ação e ação e reflexão, entre anúncio e denúncia” (Almeida; Streck, 2018, p. 596), então, nós, educadores, temos a função de anunciar para os nossos estudantes a nossa leitura de mundo, mas deixando em evidência que não existe uma única leitura possível, ou seja, a palavra autêntica fomenta a práxis (Freire, 2019).

Acredito que muitos docentes que tive, em seus processos formativos, estavam imersos no compromisso com a modificação da vida do outro e se encontravam entusiasmados com a profissão. Contudo, ao adentrarem no espaço escolar, alguns se deixaram frear pelos diversos condicionantes – gestão

antidemocrática, ausência de diálogo, julgamento de colegas de trabalho, escassez de trabalho pedagógico colaborativo, indisciplina dos estudantes –, ou seja, a prática docente está envolta nesses fatores, como muito bem pontuamos em nossos encontros: “sofremos condicionamentos, mas esses não são absolutos”, e complementando, nós, seres humanos, vivemos “uma relação dialética entre os condicionamentos e sua liberdade” (Freire, 2019, p. 125). Repito, muitos se deixaram ser freados, pois, na nossa condição existencial, como muito bem você pontuou, somos seres inacabados e temos sempre a oportunidade de mudar as posturas que não condizem com uma verdadeira pedagogia da autonomia (Freire, 2019).

Segundo Zitkoski (2018), a ação dialógica permite-nos reconhecer que vivemos em uma sociedade em processo, em construção, por isso, é inacabada e está em constante transformação. Nesse sentido, temos a necessidade de estar em um ininterrupto processo dialógico. Isso não é algo inatingível. Nas escolas, podem haver atitudes, como falar com os estudantes e não por eles (Freire, 2018), construir saberes a partir da situação dialógica – interação de diferentes mundos (Zitkoski, 2018), e do ingresso em cursos de formação continuada. Em síntese, a postura dialógica é o fundamento primordial do processo libertador, portanto, cabe ao educador ser exemplo e anunciar ao mundo as suas convicções.

O diálogo não acontece diante da palavra inautêntica, pois sua fundamentação destina-se à conformidade da realidade e não oportuniza aos sujeitos serem mais. Como muito bem você disse, é um “blábláblá”, isso não afeta, posto que a “palavra entra num ouvido e sai no outro” – como sublinha o ditado popular. A palavra inautêntica silencia as pessoas, acomoda, impossibilita a mudança (Almeida; Streck, 2018). Por isso, devemos ir contra essa lógica desumana que não contribui para o pronunciamento do mundo. “Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão” (Freire, 2019, p. 108).

Quantos educadores/educandos são silenciados? O que temos feito para alterar esse cenário? A palavra, como instância criadora, é um direito dos homens e não podemos fazê-la pelos outros (Freire, 2019). Nesse processo é que há a possibilidade de pronunciamento do mundo, isso resulta em transformação do entorno, por meio da ação-reflexão, por conseguinte, o sujeito torna-se crítico e se liberta (Barros, 2018). É importante destacar que, aos oprimidos, para conseguirem espaço de pronúncia, é necessária organização com o objetivo de transporem os opressores.

Para isso, segundo Barros (2018), o professor tem uma tarefa essencial, a saber: sua práxis deve partir da problematização do contexto, para que, assim, haja o pronunciamento do mundo. Nesse ínterim, o docente tem a incumbência de possibilitar as múltiplas manifestações dos sujeitos. Isso inclui os envolvidos na ação pedagógica, uma vez que todos devem fomentar o diálogo. Não é somente falar, mas também estar disposto a ouvir.

Meu caro Freire (2019), em sua obra *Pedagogia do oprimido*, você evidencia uma categoria de análise importante: o diálogo – base fundante de todo o seu pensamento. Você menciona aspectos entremeados no ato dialógico – “não há diálogo, porém, se não há profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que o infunda” (Freire, 2019, p. 110). O amor sela a nossa constante busca pela humanização e, nesse movimento, estão imbuídos a humildade. Faz-se necessário ouvir o outro e compreendê-lo. A partir disso são estabelecidas relações de confiança e, então, a esperança de dias melhores.

Nesta carta, tenho a oportunidade de trazer à tona alguns conhecimentos adquiridos em meu processo de doutoramento, em específico no que se refere à minha constituição como educador comprometido em promover uma educação que seja libertária, que possibilite que todos os oprimidos tenham o direito de serem sujeitos-atores. É importante destacar que, para o desenvolvimento da minha pesquisa, adquiri alguns saberes: a necessidade de

fundamentar as ideias em algum referencial teórico e dominá-lo; a seleção de uma metodologia adequada para a proposta; e a compreensão de que o estudo deve ter, como premissa básica, o pleno desenvolvimento do ser humano por meio da ciência.

“Movo-me na esperança enquanto luto e, se luto com esperança, espero” (Freire, 2019, p. 114). A luta é cotidiana e sua intenção é vencer as situações limites. É um processo histórico que demanda tempo, mas, para a nossa alegria, o Brasil virou uma página importante da sua árdua trajetória. Ventos melhores estão soprando a nosso favor. Que não percamos a fé!

Agradeço-lhe pela oportunidade do diálogo.

Carinhosamente,

Luan Manoel Thomé

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; STRECK, Danilo R. Palavra/Palavração. *In*: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. 1. reimpressão. São Paulo: Autêntica, 2018, p. 299.

BARROS, Fábio da Purificação de. Pronunciar o mundo. *In*: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. 1. reimpressão. São Paulo: Autêntica, 2018, p. 333-334.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 56. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2018. 144p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 71. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2019. 256p.

ZITKOSKI, Jaime José. Diálogo/Dialogicidade. *In*: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. 1. reimpressão. São Paulo: Autêntica, 2018, p. 117.